



O Duende em Casa do Merceeiro

Nissen hos Spækhøkeren (1853)

Havia um estudante, dos autênticos, que vivia numa água-furtada e nada possuía. Havia um merceeiro, dos autênticos, que vivia em várias divisões e possuía toda a casa. Nela se instalara também um duende porque recebia nas noites de Natal um bom prato de papas com um grande pedaço de manteiga no meio. Bem podia o merceeiro oferecê-lo. O duende ficava na loja, porque o tinha escolhido e também era muito instrutivo.

Uma noite o estudante entrou pela porta das traseiras para comprar velas e queijo. Como não tinha ninguém a quem mandar, foi ele próprio. Recebeu o que pretendia, pagou-o e o merceeiro e a mulher acenaram-lhe com a cabeça dizendo «boa noite». A patroa era uma mulher que sabia bem mais do que acenar com a cabeça, tinha o dom da palavra! E o estudante acenou também, mas ficou ali parado no meio da leitura da folha de papel que embrulhava o queijo. Era uma folha arrancada de um velho livro, que não merecia ser rasgado em pedaços, um velho livro cheio de poesia.

– Há ali mais – disse o merceeiro. – Dei a uma velha alguns grãos de café por ele. Se quer dar-me oito xelins, pode levar o resto do livro.

– Obrigado – disse o estudante. – Dê-mo em vez do queijo! Posso comer só pão! Seria pecado rasgar todo esse livro em

pedaços e pedacinhos. O senhor é um excelente homem, um homem prático, mas de poesia não entende mais do que aquela selha.

Foi feio dizer aquilo, especialmente para a selha, mas o merceiro riu e o estudante também. Foi dito assim à laia de brincadeira. Porém, o duende irritou-se por alguém ter a ousadia de dizer tal coisa a um merceiro, que era proprietário e vendia a melhor manteiga.

Quando se fez noite, a loja fechou e todos foram para a cama, à exceção do estudante. O duende entrou e levou a *língua solta* da patroa, pois esta não precisava dela quando dormia. E fosse qual fosse o objecto onde o duende pusesse a língua, este recebia voz e fala, podendo exprimir os seus pensamentos e sentimentos tão bem como a patroa, cada um na sua vez. Isso era uma coisa boa, senão desatariam a falar todos ao mesmo tempo e ninguém se entendia.

E o duende pôs a língua solta na selha, onde estavam os jornais velhos.

– É realmente verdade – perguntou ele – que não sabeis o que é poesia?

– Claro que sei – disse a selha. – É algo que está na parte de baixo dos jornais e é recortado! Creio que tenho mais poesia dentro de mim do que o estudante e sou apenas uma simples selha numa mercearia.

Depois, o duende pôs a língua solta no moinho de café. Oh!, como falava! E pô-la na cuba da manteiga e na caixa do dinheiro... todos tinham a opinião da selha. E quando as opiniões estão de acordo com a maioria têm de ser respeitadas.

– Agora vai ver o estudante!

Então, o duende subiu devagarinho as escadas da cozinha que davam para a água-furtada onde vivia o estudante. Havia luz lá dentro, o duende espreitou pelo buraco da fechadura e viu

que este estava a ler o livro rasgado. Havia tanta luz lá dentro! Do livro saía um raio luminoso que se transformava num tronco, numa árvore possante que se erguia bem alto e estendia amplamente os seus ramos sobre o estudante. Todas as folhas eram frescas e cada flor era uma bela cabeça de rapariga. Umas tinham os olhos escuros e faiscentes e outras azuis e maravilhosamente claros. Cada fruto era uma estrela brilhante e ouvia-se um canto e uma música extraordinariamente belos!

Em tal magnificência nunca tinha pensado o duende, muito menos visto e sentido. E assim ficou nas pontas dos pés, a espreitar, a espreitar, até que a luz se extinguiu. O estudante soprou o candeeiro e foi para a cama. O duendezinho deixou-se ficar, pois ainda se ouvia aquele canto suave e belo. Era uma deleitosa canção para embalar o estudante, que se deitara para repousar.

– É incomparável! – disse o duendezinho. – Não esperava isto!... Creio que vou ficar com o estudante! – E pensou, e pensou sensatamente, e suspirou: – O estudante não tem papas! – E foi-se embora. Sim! Voltou para o merceeiro.

Foi bom ter voltado, pois a selha tinha gasto a língua solta da patroa a pronunciar tudo o que em si continha de um lado. Agora já estava com a ideia de se virar para reproduzir o mesmo do outro lado, quando o duende chegou e devolveu a língua solta à mulher do merceeiro. Mas toda a loja, desde a caixa do dinheiro até à lenha em feixes, foi da opinião da selha e considerou-a em tão alto grau e confiou tanto nela que, quando depois o merceeiro, à noite, lia a «Crónica do Teatro e das Artes» do seu «jornal», acreditava que tal leitura vinha da selha.

Mas o duendezinho já não ficava tranquilamente sentado a escutar lá do alto toda a sabedoria e compreensão que vinha cá de baixo. Não! Logo que saía luz da água-furtada, era como se os raios fossem fortes cabos de âncora que o puxassem para cima e tinha de partir para ir espreitar pelo buraco da fechadura.

Aí movia-o então a grandeza, que sentimos no mar revolvente, quando Deus passa em tempestade sobre ele. E rompia em lágrimas, ele próprio não sabendo porque chorava, mas havia naquelas lágrimas algo abençoado!... Como devia ser incomparavelmente belo estar sentado com o estudante sob aquela árvore. Mas isso não podia acontecer. Contentava-se com o buraco da fechadura. Ainda estava no corredor frio, quando o vento outonal soprou pelas frestas do sótão. Fazia tanto frio! Tanto frio! Mas o duendezinho só o sentia quando a luz se apagava dentro da água-furtada e os sons morriam perante o vento. Ui! Então regelava e arrastava-se novamente para o seu cantinho. Como era confortável e agradável!... E quando vinham as papas do Natal com um grande pedaço de manteiga... ah!, sim!, então o merceeiro era o melhor de todos!

No meio de uma noite o duende acordou com um barulho terrível nas persianas das janelas. Lá fora, estava gente a bater estrondosamente nelas. O guarda-nocturno apitava porque havia um grande incêndio. Toda a rua estava iluminada pelas chamas. Era ali em casa ou na do vizinho? Onde? Era um horror! A mulher do merceeiro ficou tão perturbada que tirou os brincos de ouro das orelhas e meteu-os na algibeira para assim salvar alguma coisa. O merceeiro correu a buscar os papéis de crédito e a criada a sua mantilha de seda, que se tinha dado ao luxo de comprar. Todos queriam salvar o melhor que possuíam e também o queria o duendezinho. Em poucos pulos pôs-se no cimo das escadas e entrou no quarto do estudante, que estava perfeitamente tranquilo, com as janelas abertas, a olhar para o fogo assolando o pátio do vizinho da frente. O duendezinho agarrou no livro maravilhoso que estava em cima da mesa, meteu-o no seu carapuço vermelho e segurou-o com ambas as mãos. O melhor tesouro da casa estava a salvo! Depois raspou-se e foi para o telhado, para cima da chaminé, e aí se sentou, iluminado pelas

chamas da casa a arder mesmo em frente, segurando com ambas as mãos o carapuço vermelho, onde guardava o tesouro. Disse-lhe então o sentimento a quem ele, o duende, na verdade, pertencia.

Mas quando o fogo se extinguiu e ficou mais calmo... sim:

– Vou reparti-lo entre os dois! – exclamou. – Não posso abandonar assim simplesmente o merceeiro, por causa das papas!

E foi perfeitamente humano!... Nós, os outros, também vamos ao merceeiro. Por causa das papas.